



Índice

Editorial	1
Homenagem Ana Maria Rodrigues	2
Agradecimento à Helena Isidro	5
Alterações na Equipa de Coordenação	5
IX workshop grudis – feedback	6
XVII Conferência grudis e Doctoral Colloquium – feedback	7
Publicações de membros do grudis	8
Espaço de opinião sobre investigação	
Inovação versus paradigmas: "romper ou manter o status quo?", eis a questão	10
Notas sobre Contabilidade	12

Editores da grudisletter

Patrícia Quesado
Carla Carvalho

Equipa de Coordenação do grudis

Aldónio Ferreira
Carla Carvalho
João Oliveira
Patrícia Quesado
Paulo Alves
Sofia Lourenço
Teresa Eugénio

E-mail: coordenacao.grudis@gmail.com

Website: www.grudis.pt

A Equipa de Coordenação do grudis esclarece que os textos que constam na grudisletter são da inteira responsabilidade dos autores que os assinam e que a informação acerca das publicações dos grudistas resulta das respostas recebidas dos mesmos.

Editorial

Começamos a 17ª edição da grudisletter com uma merecida homenagem à nossa querida Ana Maria Rodrigues, que partiu precocemente, mas que nos deixou um grande legado, como bem expressa o bonito texto da sua grande amiga Lúcia Lima Rodrigues. Continuamos com um agradecimento à Helena Isidro, que cessou as suas funções na Equipa de Coordenação, por todo o trabalho e dedicação ao grudis ao longo dos últimos três anos, e damos as boas vindas à Teresa Eugénio, que se associa à Equipa, ficando afeta à pasta das Conferências, liderada pela Sofia Lourenço e apoiada pelo Paulo Alves.

De seguida, apresentamos o feedback do IX workshop grudis, realizado no dia 2 de fevereiro, na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, onde se debateu o tema "Corporate Social Responsibility and its Reporting". Segue-se o feedback da XVII Conferência grudis e Doctoral Colloquium que decorreu nos passados dias 2 e 3 de fevereiro na Católica Porto Business School, sob a coordenação local do Paulo Alves e da Maria José Fonseca. O keynote speaker da XVII Conferência grudis foi o Professor Philip Joos, da Tilburg School of Economics and Management e Presidente da European Accounting Association (EAA). Foram dois dias de intensa partilha de conhecimentos e de saudável convívio entre todos os participantes. Aproveitamos este espaço para anunciar que a próxima Conferência grudis e Doctoral Colloquium realizar-se-á na Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém, sob a coordenação local do Rui Robalo. Em breve será enviado o respetivo call for papers.

Nesta edição da grudisletter destacamos ainda, para além das publicações de membros do grudis, o espaço de opinião sobre investigação, com um artigo de opinião intitulado "Inovação versus paradigmas: 'romper ou manter o status quo?', eis a questão", da autoria do Fábio Albuquerque, do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. O artigo versa sobre as dificuldades dos investigadores em inovar, visto que as revistas e os avaliadores têm, em geral, dificuldade em aceitar novos indicadores e métricas em áreas representadas por investigadores de referência numa determinada linha de investigação, ainda que antiquados ou criticáveis. O investigador vê-se então confrontado com um dilema: fazer "mais do mesmo", e conseguir mais facilmente uma publicação, ou inovar e sofrer as consequências decorrentes desta iniciativa, isto é, ser mais facilmente rejeitado.

Concluimos esta edição da grudisletter, como habitualmente, com mais uma interessante crónica do José António Moreira, que relata a experiência vivida, em concreto a desilusão sentida, no âmbito da orientação de uma dissertação de mestrado.

Patrícia Quesado e Carla Carvalho

Homenagem à Prof. Ana Maria Rodrigues



A Ana Maria foi a minha primeira aluna de doutoramento, conhecia-a pouco tempo após ter terminado a minha própria tese de doutoramento, em 1998. A sua tese versou “o *Goodwill* nas Contas Consolidadas dos grupos não financeiros cotados”, tendo usado como metodologia de investigação o questionário. Lembro-me da dificuldade que teve em

obter respostas no início do seu estudo empírico. Mas o seu espírito de luta e persistência levou a que conseguisse muito rapidamente que a sua amostra fosse composta pela população. A Ana Maria era uma força da natureza, tinha uma vontade enorme de fazer tudo e bem, sendo exigente consigo e com os outros. Definia-se como “uma otimista convicta” (Revista TOC, 2012, nº 143, p.13). Quem teve o privilégio de a conhecer bem sabe, e não é exagerado dizê-lo, que por onde passava deixava marcas, ninguém lhe ficava indiferente. Dona de uma alegria contagiante, onde chegava sabia-se que tinha chegado pelo tratamento amistoso, alegre e cordial que dava a toda a gente. Era agregadora, gostava de colaborar com todos e tinha sempre uma palavra de simpatia; arranjava sempre tempo para tudo e para todos. Tinha um sentido de justiça muito acutilante, era uma pessoa extremamente correta com todos, muito humilde; era a amiga leal que todos desejamos ter, sem dúvida que a senti ao longo destes últimos 20 anos das nossas vidas como a *minha melhor amiga*. Muitas vezes lhe dizia que não tinha irmã, mas se tivesse gostava que fosse exatamente igual a ela.

A Ana Maria era alentejana, de Mértola, onde fez o ensino primário e os primeiros anos do ensino

secundário. Os estudos correspondentes aos atuais 10º e 11º anos foram feitos no Liceu Passos Manuel de Lisboa. Passou a viver em Coimbra no 12º ano e terminou a sua licenciatura em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em 1989, com dezasseis valores. Como disse a colega e amiga Cidália Lopes na Homenagem que muito justamente lhe foi prestada no recente dia 28 de abril em Coimbra, a Ana Maria gostava de percorrer o país, fazendo Portugal ainda mais pequeno. Foi assim enquanto aluna, era também assim como professora.

Começou a sua carreira académica em 1989 como assistente estagiária da Faculdade de Economia de Coimbra, tendo lecionado até ao seu doutoramento unidades curriculares muito diversas, desde Introdução à Economia até Contabilidade Geral e Fiscalidade. Em 1995, faz o mestrado em Economia Europeia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com a informação final de Muito Bom por unanimidade. Este início de carreira abrangente haveria de ser marcante em termos profissionais, já que lhe permitiu ficar com conhecimentos para depois abraçar áreas como o direito comercial e fiscal.

Após o seu doutoramento em contabilidade, em 2004 na Universidade de Coimbra, e depois de ter trabalhado com grupos económicos, lança na Faculdade de Economia a disciplina de Contabilidade das Sociedades (disciplina que eu também lecionava na Universidade do Minho). Após ter terminado o doutoramento (e todos sabemos como é bom suspirar de alívio após terminarmos tão árdua tarefa...), encarou de imediato um novo desafio, a licenciatura em Direito, que terminou em 2009 (com a média final de 17 valores). No ano letivo de 2009-2010 frequentou a Pós-graduação de Direito Fiscal, no Instituto de Direito das Empresas e do Trabalho. Fez ainda, em 2012, um pós-doutoramento em Contabilidade Financeira na Universidade de S. Paulo, Brasil. Este percurso académico vasto indicia a sua grande vontade de *aprender sempre*.

A licenciatura e a pós-graduação em direito tornaram-na uma académica ímpar; estes cursos haveriam de aproximar cada vez mais do direito comercial e do direito fiscal. Assim, apesar da Ana Maria ser conhecida como Professora de Contabilidade Financeira na Universidade de Coimbra, nos últimos anos lecionou na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (Pós-Graduação de Direito Fiscal, no Instituto de Direito Económico, Financeiro e Fiscal) e na Universidade Católica – Escola de Direito do Porto (Mestrado em Direito Fiscal). Era também árbitro fiscal no Centro de Arbitragem Administrativo-Fiscal desde 2011, tendo, desde então, participado em vários tribunais coletivos (CAAD – Ministério da Justiça). Este seu trabalho na área do direito fiscal levou ao seu reconhecimento pelo governo que, em 2013, a nomeou como Membro da Comissão para a Reforma do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas. A nível fiscal, a Professora Ana Maria teve também um papel importante na iniciativa da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC) sobre a Cidadania e a Educação Fiscal e os famosos livros da Joanhina, sendo o livro que escreveu intitulado “A Joanhina e os impostos - uma história de educação fiscal para adolescentes”.

Apesar da sua ligação à fiscalidade, a Professora Ana Maria acreditava que “a informação contabilística deve ser elaborada privilegiando critérios de base económica e de gestão, em detrimento de critérios fiscais” (Revista TOC, 2012, 143, p. 12). Era uma acérrima defensora do papel das PME como motor económico e defendia a manutenção da obrigação de contabilidade para estas pequenas entidades, embora em regimes mais simplificados, mas sem abdicar de um modelo de relato na base do acréscimo e de uma tributação na base de rendimentos reais. A meu ver expressava de forma sábia o ponto de vista de que “se acham que a contabilidade é cara, experimentem os custos da desorganização administrativa e financeira”:

Em minha opinião, quem defende que a contabilidade é um fardo suportado pelas empresas tem uma perspectiva simplista e redutora, pois os custos

suportados com sistemas de informação, como é o caso da contabilidade, não podem ter a vertente negativa que atualmente lhe é atribuída na doutrina e na lei. Em meu entender, os custos suportados com a preparação da informação financeira podem, e devem ser rendibilizados pelas empresas, aproveitando a sua obrigatoriedade como uma vantagem para si mesmas, pois estas exigências transportam consigo alguma disciplina nos processos organizativos, particularmente relevantes para entidades muito fragilizadas por insuficiência de organização administrativa (Revista TOC, 2012, nº 143, p. 10).

Profissionalmente, foi com grande satisfação que ao longo dos anos vi o elevado rigor que colocava no seu trabalho. Várias vezes apresentámos palestras juntas em conferências, nomeadamente na área da Contabilidade Financeira. Fazíamos parte do Colégio de Contabilidade Financeira da OCC. As arguições que a Professora Ana Maria fazia dos trabalhos dos candidatos a Especialistas, ou dos meus alunos de doutoramento, tinham sempre muita vivacidade e inteligência. Trabalhámos ainda juntas na Comissão de Normalização Contabilística, primeiro no Conselho Geral, e mais recentemente (julho de 2017) foi nomeada pelo governo para Presidente da Comissão de Normalização Contabilística. Após a sua nomeação, nomeou-me sua Vice-Presidente e Coordenadora do Comité de Normalização Contabilística Público. Defendia a normalização feita de acordo com a dimensão das entidades, como se pode ver na entrevista que deu à revista TOC em 2012:

Os benefícios associados à existência da informação contabilística são inúmeros. Elenco, apenas, alguns deles. Em primeiro lugar, permite analisar tempestivamente o andamento dos negócios da entidade. Em segundo lugar, constitui um repositório de informação, que poderá ser utilizada com base num quadro de indicadores fundamentais para cada entidade em concreto, que poderão servir de guia ao gestor/proprietário da entidade. A contabilidade pode, e deve fornecer informações sobre os negócios, permitindo que os credores possam tomar as suas decisões com base em informações credíveis, ainda

que num contexto de incerteza como aquele que caracteriza o ambiente macroeconómico geral. Por último, mas não menos importante, as exigências contabilísticas podem induzir uma melhor organização administrativa, que é um sério constrangimento em grande parte dessas entidades. Assim, o caminho a seguir não pode passar pela eliminação ou atenuação das obrigações contabilísticas, mas, pelo contrário, deve prosseguir no sentido de criar um sistema contabilístico menos complexo, permitindo deste modo minimizar os custos associados à preparação da informação financeira (Revista TOC, 2012, Nº 143, p. 10).

A Professora Ana Maria Rodrigues era coordenadora do mestrado de Contabilidade e Finanças da Universidade de Coimbra e incentivava os futuros mestres a prosseguir no aprofundamento do conhecimento na área científica da Contabilidade. Dizia que tinha optado por se doutorar nestas temáticas “porque acredito que os estudantes destas áreas poderão contribuir para que o nosso tecido empresarial seja mais forte e saudável” (Revista TOC, 2012, Nº 143, p. 13).

O contributo que deixou à Contabilidade foi notável. Apesar de todos os colegas e alunos reterem na memória a sua vivacidade e alegria, a amizade e a sua educação extrema, a Professora Ana Maria Rodrigues será conhecida *para sempre* pelos livros e artigos que nos deixou e que continuarão a ser usados nas aulas pelos seus atuais e futuros colegas e alunos. Especialista em intangíveis, publicou em livro a sua tese de doutoramento, sendo ainda coautora de mais quatro manuais importantes na nossa academia contabilística: *Contabilidade para Todos (2014)*; *O SNC e os Juízos de Valor – uma perspetiva crítica e multidisciplinar (2013)*; *SNC: Contabilidade Financeira – Sua Aplicação (2013)*; *Contabilidade Financeira – Casos Práticos*, todos publicados pela Editora Almedina, de quem era Presidente do Conselho Científico. Deixa, ainda, vários artigos técnicos e científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, com destaque para a *Australian Accounting Review*.

Apesar da imensa saudade que deixa em todos, e da tristeza que sentimos por ter partido tão nova, como se pode concluir através deste pequeno texto, a Professora Ana Maria Rodrigues viveu todos os dias da sua vida com intensidade e sabedoria.

Definia-se como uma “mulher de fé e da ciência” (Revista TOC, 2012, Nº 143, p. 7). Por isso, até um dia, minha querida Amiga!

Lúcia Lima Rodrigues

Agradecimento à Helena Isidro



A Helena Isidro aderiu ao *grudis* em 2001. Foi numa tarde de setembro daquele ano que o Aldónio entrou no gabinete da sua (então) colega de doutoramento, para lhe apresentar o projeto *grudis* e a

convidar a aderir à rede. A Helena sorriu e disse que sim.

Treze anos depois, convidámos a Helena para fazer parte da Equipa de Coordenação, função que assumiu desde 2015. A Helena assumiu o *portfolio* das Conferências, ocupando o lugar deixado vago pela cessação de funções do Rui Vieira, colaborando igualmente na pasta do *Grudis Peer Review* (GPR) com o João Oliveira. Como pensamos ser evidente para todos, a pasta das Conferências é particularmente onerosa por conjugar um grande volume de trabalho num curto período de tempo. Exige um trabalho de coordenação de um número muito alargado de colegas que assumem o papel de revisores, *discussants* e *chairs* de sessão. Esta gestão implica lidar com aceitação (muitas), atrasos (alguns) e recusas (pocas), pelo que é necessário dinamismo, perseverança e sagacidade para encontrar soluções ágeis e eficazes para as contrariedades que inevitavelmente surgem. É certo que a Helena contou com o apoio dos membros da Organização Local das Conferências e, a partir de 2017, da Sofia Lourenço, mas isto em nada retira à Helena o grande contributo que deu ao *grudis*. A qualidade das conferências *grudis* é a prova do seu sucesso! É também de realçar que foi durante o “reinado” da Helena que a Conferência *grudis* passou a incluir o *Doctoral Colloquium*.

A necessidade da Helena assumir, a partir de fevereiro deste ano, a coordenação de todos os doutoramentos de Gestão do ISCTE levou-a a pedir a sua substituição na Equipa de Coordenação do *grudis*. A Coordenação compreende as circunstâncias e motivação para o pedido, e naturalmente aceitou-o. Gostaríamos de poder contar com os conhecimentos, competências e

experiência da Helena por mais tempo, mas sabemos que tal não é possível.

Deixamos aqui um grande obrigado à Helena Isidro em nome de todos os *grudistas* pelos excelentes serviços prestados à nossa comunidade. Bem-hajas, Helena!

A Equipa de Coordenação

Alterações na Equipa de Coordenação

Com a anunciada partida da Helena Isidro da Equipa de Coordenação, surgiu a necessidade de rever a composição da Equipa. É com grande prazer e satisfação que anunciamos que a Teresa Eugénio aceitou o convite que lhe foi endereçado para se associar à Equipa.

A Teresa irá assumir funções na pasta das Conferências, cuja equipa terá como coordenadora principal a Sofia Lourenço. A pasta das conferências contará ainda com o Paulo Alves, pelo que esta superpasta terá três membros permanentes (Sofia, Paulo e Teresa), a que acresce o membro da Organização Local da Conferência seguinte. Estamos em excelentes mãos, mas continuamos a precisar do apoio de todos os *grudistas* no processo de revisão de *papers* e projetos nos prazos estabelecidos pela Equipa!

A Equipa de Coordenação

IX workshop grudis - feedback **“Corporate Social Responsibility and its Reporting”**

Realizou-se na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, a 2 de fevereiro, o IX *workshop grudis*, com o tema “Corporate Social Responsibility and its reporting”.



A organização deste *workshop* foi acolhida e promovida pela FEP no âmbito da sua estratégia na área da sustentabilidade, através do fomento de iniciativas de divulgação e sensibilização. Reflexo da crescente importância e interesse neste tema, o auditório encheu-se com quase 60 participantes, não só da FEP como de instituições do Ensino Superior de todo o país, de Trás-os-Montes a Lisboa. Contou-se com as intervenções dos seguintes oradores, de credenciais firmadas na área da responsabilidade social e seu reporte:

Teresa Eugénio (Instituto Politécnico de Leiria | ESTG):
“Corporate SR reporting in attaining sustainable development goals”

Even Fallan (Inland Norway University of Applied Sciences):
“Environmental reporting regulations, corporate tax behavior and the use of legitimacy theory in CSR research”

Manuel Castelo Branco (FEP | Universidade do Porto):
“Emerging issues in CSR: Corruption, political connections, tax behavior and inequality”

O *workshop* foi moderado pelo António Dias (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) e a abertura ficou a cargo do Subdiretor da FEP, Miguel Sousa.

As três apresentações forneceram um fio condutor, introduzindo o tema, aprofundando alguns aspetos específicos e abrindo novos horizontes e áreas de investigação, terminando com uma discussão final igualmente muito interessante e participada.

Para que não só os inscritos, como a comunidade em geral, possam beneficiar dos contributos deixados neste *workshop*, as três apresentações estão disponibilizadas em <http://s.up.pt/wtha>.

Este foi o terceiro evento do *grudis* que a FEP acolheu, numa relação que se iniciou em 2003 com o III Seminário *grudis* e se repetiu, em 2011, com o X Seminário.

João Oliveira

Manuel Castelo Branco

Carla Carvalho

Sofia Lourenço

XVII Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium - feedback*

A *Católica Porto Business School* recebeu nos dias 2 e 3 de fevereiro a XVII Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium*. Um duplo evento que contou com 66 participantes incluindo, pela primeira vez, apresentações por autores estrangeiros.

Foram apresentados um total de 19 artigos e projetos de doutoramento, sendo de destacar a apresentação e discussão de 8 projetos de doutoramento (*Doctoral Colloquium*), um novo máximo que demonstra a vitalidade da investigação em Portugal. A qualidade das discussões que se seguiram às apresentações foi uma constante e acredito que todos os trabalhos saíram muito enriquecidos.

Não posso deixar de destacar o contributo do *keynote speaker*, Professor Philip Joos. Como Presidente da *European Accounting Association* e *co-Chair* da plataforma digital *Accounting Research Center*, o Professor Philip Joos assume com naturalidade um papel de dinamizador da investigação e nas suas duas intervenções plenárias deixou bem vincada, por um lado, a sua vontade de apoiar os jovens investigadores e, por outro lado, a sua ideia sobre o futuro da investigação em contabilidade. Em todas as sessões em que esteve presente, o Professor Philip Joos deixou um contributo importante e a sua disponibilidade durante os dois dias foi uma constante. Não podíamos ter tido melhor orador convidado.

Por fim, quero destacar o ambiente de confraternização e de discussão que se viveu durante os dois dias do evento. Passaram-se quase 16 anos desde o primeiro Seminário do *grudis* na *Católica Porto Business School* e é extremamente gratificante ver como o *grudis* cresceu sem perder o lado humano que o define.



A XVII Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium* apenas foi possível com o contributo de muitos colegas. O meu muito obrigado a todos os membros da organização do *grudis*, aos revisores, aos autores, aos *discussants* e a todos os presentes. Um especial agradecimento ao Centro de Estudos de Economia e Gestão da *Católica Porto Business School* pelo apoio financeiro e logístico, à *European Accounting Association* pelo apoio associado à participação do *keynote speaker* e à Ordem dos Contabilistas Certificados pelo prémio a atribuir ao melhor artigo a ser publicado na Revista de Contabilidade e Gestão.

Estou já ansioso pelo próximo ano.

Muito obrigado!

Paulo Alves

Publicações de membros do *grudis*

De outubro de 2017 a março de 2018

Revistas com *referee*

Albuquerque, F., Marcelino, M. (2018), 'Os impactos no processo de tomada de decisão do 'reconhecimento' versus 'divulgação' da informação no relato financeiro', *European Journal of Applied Business and Management*, 4: 17-39.

Albuquerque, F., Cariano, A., Marcelino, M., Rodrigues, N. (2017), 'Contabilidade das operações de leasing: Análise de possíveis ocorrências de lobbying no processo de emissão da IFRS 16', *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 11: 35-43.

Albuquerque, F., Marcelino, M., Cariano, A. (2017), 'A comparabilidade do EBITDA reportado pelas entidades em Portugal', *European Journal of Applied Business and Management*, 3: 63-83.

Azevedo, G., Oliveira, J., Castro, A. (2018), 'Disclosure of Environmental Matters – Galp Energy', *Journal of Environmental Accounting and Management*, 6(1): 85-98.

Casca, A., Rodrigues, A., Eugénio, T. (2017), 'Contabilidade para a Sustentabilidade – Uma análise dos principais trabalhos publicados nas TOP 10 do SCIMAGO Journal Rank', *International Business and Economics Review*, 8: 76-100.

Costa, A.R., Vieira, E.S., Rocha, A. (2017), 'O efeito da crise financeira na política de dividendos das empresas cotadas na Euronext Lisbon', *Revista Estudos do ISCA*, Série IV, 15, 1-25.

Couto, T., Vieira, E.S. (2017), 'O efeito da crise financeira na estrutura de capital das PME portuguesas', *Revista Estudos do ISCA*, Série IV, 16: 1-22.

Gabriel, V., Pazos, D. (2018), 'Do Short- and Long-Term Environmental Investments Follow the Same Path?', *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 25(1): 14-28.

Gonçalves, R., Lopes, P., Craig, R. (2017), 'Value-Relevance of Biological Assets under IFRS', *Journal of International Accounting, Auditing and Taxation*, 29: 118-126.

Lopes, A.I., Lopes, M.C. (2017), 'Efeitos da adoção da IFRS 10 na composição dos grupos: um estudo exploratório', *Revista Contabilidade & Gestão (Portuguese Journal of Accounting and Management)*, 21: 35-64.

Mata, C., Fialho, A., Eugénio, T. (2017), 'O Relato Ambiental Obrigatório nas Empresas Cotadas no PSI20', *TMQ – Techniques, Methodologies and Quality*, Número Especial: 118-141.

Neves, D., Carvalho, C. (2017), 'A magnitude e relevância das imparidades em contas a receber nas empresas da Euronext Lisbon', *Revista Estudos do ISCA*, Série IV, 16: 1-26.

Oliveira, J., Azevedo, G., Pereira, C. (2017), 'Determinantes do grau de cumprimento das recomendações da CMVM: Evidência nas empresas cotadas Portuguesas', *TMQ – Techniques, Methodologies and Quality*, Número Especial: 58-87.

Quesado, P., Aibar-Guzmán, B., Rodrigues, L. (2018), 'Advantages and Contributions in the Balanced Scorecard Implementation', *Intangible Capital*, 14(1): 186-201.

Quesado, P., Branco, R. (2017), 'A Teoria das Restrições (TOC) como suporte à decisão dos gestores: um estudo numa organização agroindustrial', *Revista Custos e Agronegócios Online*, 13(4): 54-88.

Quesado, P., Branco, J., Rodrigues, F. (2017), 'Proposal to implement the Balanced Scorecard in a nonprofit organization', *European Accounting and Management Review (EAMR)*, 4(1): 49-74.

Silva, L.R., Vieira, E.S. (2017), 'O equilíbrio financeiro de curto prazo e a rentabilidade das empresas portuguesas', *Revista Estudos do ISCA*, Série IV, 15: 1-31.

Souza, A., Gomes, S., Andrade, J., Eugénio, T. (2018), 'Porque as empresas participam em iniciativas empresariais em clima no Brasil?', *Revista AIDIS de Ingeniería y Ciencias Ambientales: Investigación, desarrollo y práctica*, 11(1), 61-84.

Vale, J., Ribeiro, J.A., Branco, M.C. (2017), 'Intellectual capital management and power mobilisation in a seaport', *Journal of Knowledge Management*, 21(5): 1183-1201.

Veiga, J., Ribeiro, D., Inácio, H. (2017), 'O Relatório de Auditoria e as Diferenças de Expectativas em Auditoria: Recentes Alterações', *Revista Contabilidade & Gestão (Portuguese Journal of Accounting and Management)*, 21: 95-121.

Vieira, E.S. (2018), 'Board of directors' characteristics and performance in family firms and under the crisis', *Corporate Governance: The International Journal of Business in Society*, 18(1): 119-142.

Livros e capítulos de livros

Bonito, M., Casas Novas, J., Eugénio, T. (2017), *Contabilidade Ambiental – Gastos ambientais nas empresas certificadas pelo ISO 14001 em Portugal*. Brasil: Novas Edições Académicas.

Cunha, A., Ferreira, A., Fernandes, M.J. (2018), 'The Impact of Accounting Information and Socioeconomic Factors in the Re-Election of Portuguese Mayors', in *Modernization and Accountability in Public Sector Management* (pp. 406-432). Hershey, PA: IGI Global.

Ferreira, A., Santos, C., Azevedo, G., Gonçalves, J., Oliveira, J. (2018), 'Performance Indicators and Accountability in Portuguese Public Universities: Socio-Economic Perspective', in *Modernization and Accountability in Public Sector Management* (pp. 210-233). Hershey, PA: IGI Global.

Gonçalves, R., Lopes, P. (2017), *Accounting for Biological Assets*. Oxon: Routledge.

Martins, A.L. (2017), *Contabilidade de Gestão nas Administrações Públicas*. Lisboa: Editora Rei dos Livros.

Morim, A.C., Inácio, H., Vieira, E.S. (2018), 'Internal Control in a Public Hospital: The Case of Financial Services Expenditure Department', in *Modernization and Accountability in Public Sector Management* (pp. 77-102). Hershey, PA: IGI Global.

Oliveira, J. (2018), 'Accountants' roles and accounting-related technologies', in Quinn, M. e Strauss, E. (Eds.),

The Routledge Companion to Accounting Information Systems (pp. 133-144). Oxon: Routledge.

Pacheco, L., Tavares, F., Salazar, V., Vieira, E.S., Peguinho, C. (2017), *Finanças Internacionais: Teoria e Prática*. Lisboa: Edições Sílabo.

Santos, C., Ferreira, A., Marques, R., Azevedo, G. (2018), 'EAGLE_Index: Enhancement of an Accountability Guide for Learning E-Government', in *Modernization and Accountability in Public Sector Management* (pp. 103-129). Hershey, PA: IGI Global.

Espaço de opinião sobre investigação

"Inovação *versus* paradigmas: 'romper ou manter o *status quo*?', eis a questão"



Frequentemente debato com alunos de pós-graduações a importância da investigação, em Contabilidade ou de uma maneira geral. Refiro que apenas a investigação permite, entre outros, validar, ou não, o que o senso comum dissemina como verdade, encontrar soluções para problemas específicos ou, até, identificar novos problemas, que sirvam de mote a futuras e novas investigações. E assim se constrói e se solidificam as bases de uma qualquer ciência.

É importante, pois, nesse processo, proceder-se a um prévio levantamento do que outros investigadores já identificaram sobre a matéria em apreço (papel atribuído à revisão de literatura), assim como, e a partir dessa avaliação, identificar que contributos, por reduzidos ou significativos que sejam, o estudo que se pretende conduzir poderá trazer para o avanço da temática em análise.

Esta é a mensagem que tenho transmitido aos meus alunos e o único modo como, assim entendo, posso e consigo encontrar motivação na minha atividade de investigador – talvez a mais prazerosa, tanto quanto trabalhosa, das minhas atribuições profissionais. Se me faltasse essa componente, todavia, sentir-me-ia um docente incompleto: ao menos neste nível de ensino (estudos pós-graduados) não concebo sequer, numa visão estritamente pessoal, tal possibilidade.

Dito isto, cada vez mais o meu estímulo nessa atividade parte, de facto, da identificação de um potencial contributo para a matéria objeto de análise que sirva a futuros investigadores, visto que já não vislumbro, apenas, a mera descoberta de um problema de investigação como requisito essencial para dar seguimento a uma proposta. Passei a acrescentar, decididamente, esta necessidade, antes de avançar para um novo projeto.

É sobre o quesito “contributo”, em particular, que tenho identificado os maiores desafios na tentativa de publicação de um novo estudo, particularmente quando este contributo diz respeito à procura de inovação a partir da identificação de novos indicadores e métricas. Parece existir, por parte dos avaliadores (*reviewers*), uma tal desconfiança na aceitação de novas ideias que impede e prejudica o avanço de determinadas temáticas para novos e distintos caminhos.

A título de exemplo, e sem demérito do trabalho até então levado a cabo pelo adiante referido pesquisador, Hofstede (1980) desenvolveu – e prosseguiu – uma investigação que identificou quatro dimensões culturais relevantes, em oposição a outras quatro, opostas, a partir de um questionário conduzido a trabalhadores da multinacional IBM de distintos países. As referidas dimensões culturais, posteriormente ampliadas, foram materializadas numericamente através de índices que têm sido utilizados por investigadores de distintas áreas que vão além da Contabilidade, tornando-se talvez a mais popular referência em matéria de comparação das diferenças culturais entre os países. Posteriormente, Gray (1988), a partir de Hofstede, publicou um modelo teórico que procurou trazer, para o âmbito específico da Contabilidade, valores culturais que se inserem na denominada subcultura da Contabilidade. O referido modelo não fora, no entanto, validado empiricamente por este último autor.

Ao que pese o mencionado sucesso da proposta de Hofstede (1980), a avaliar pelas incontáveis utilizações das suas dimensões culturais e respetivos índices, o seu estudo tem sido objeto mais recentemente de algumas críticas (designadamente, Baskerville, 2003), sobretudo de cariz metodológico, onde se incluem a baixa representatividade das respostas obtidas em alguns países, a abordagem redutora da cultura na sua conceptualização, a limitação da amostra a uma única entidade e exclusivamente ao ambiente empresarial, bem como a dificuldade de captar a maleabilidade da cultura ao longo dos anos e entre as distintas subculturas de um mesmo país (tomemos como exemplo inicial a China ou o Brasil, pelas suas dimensões continentais, e lembremos de seguida mesmo as diferenças entre o Norte e o Sul de Portugal).

Menciono no ponto anterior, por simplificação, apenas algumas das mais recentes discussões em torno daquele trabalho (já detalhei noutros trabalhos este aspeto mais exaustivamente), não tendo este artigo a intenção de analisar criticamente a proposta do seu autor. A intenção deste é, como o próprio título sugere, apenas questionar a razão de mais facilmente um novo artigo (“novo” na aceção de trabalho recente) obter um parecer favorável dos avaliadores quando baseado num mesmo “velho” modelo, que tem precisamente a minha idade, em detrimento de uma nova proposta (“nova” na aceção de inovadora) de aferição de valores culturais a partir de outras fontes e distintas metodologias. Sintetizando, a questão que se levanta, parece-me, é: como se consegue inovar se apenas modelos tidos como basilares ou paradigmáticos podem e merecem, a título exclusivo, servir de referência aos estudos que se encontram a ser desenvolvidos nesse campo?

Já experimentei ultrapassar esta fronteira, é facto, desafiando o *status quo*, e a verdade é que até consegui... mas tive de empregar decididamente muito mais esforço e capacidade de argumentação do que o necessário para a publicação de mais uma réplica do conhecido modelo de Hofstede-Gray. Sim, também eu já segui este modelo sem significativa contestação e sem um cariz de inovação aos olhos de hoje tão fortalecido, o que ao menos me serve de parâmetro para comprovar o que atrás deixei. Pergunto-me, então, quantos investigadores estarão dispostos a enfrentar esta batalha? Pergunto-me, também, enfim, por onde se deve iniciar a sugestiva mudança: pelos avaliadores, não sendo demasiado conservadores, ou pelos investigadores, desafiando constantemente os primeiros com novas propostas?

Resta-nos esperar que esta mudança a pouco e pouco se opere, embora venha a ocorrer de forma provavelmente mais lenta do que a aceitação de novos modelos das dimensões culturais que não se baseiem na proposta desenvolvida por Hofstede-Gray. Talvez ainda de forma mais lenta do que o tempo necessário para uma efetiva mudança de valores culturais. Mas isto talvez seja fruto exclusivo do meu pessimismo, herança representativa do meu sangue lusitano.

Referências bibliográficas

Baskerville, R. F. (2003). Hofstede never studied culture. *Accounting, Organizations and Society*, 28(1), 1-14.

Gray, S. J. (1988). Towards a theory of cultural influence on the development of accounting systems internationally. *Abacus*, 24(1), 1-15.

Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences—international differences in work-related values*. Beverly Hills, London: Sage Publications.

Notas sobre Contabilidade



Quem disser que a vida de um(a) professor(a) é monótona está, ainda que não intencionalmente, a deturpar a realidade. Cada dia é diferente do anterior, com todos os novos problemas que traz. Isto pode ser considerado um aspeto positivo, num tempo em que o traço dominante da vida da generalidade das pessoas é a rotina, mas é também algo que desgasta, física e emocionalmente, pela exigência que impõe, continuamente, de encontrar respostas adequadas para as dúvidas e desânimos que tais problemas arrastam consigo.

A S. foi minha orientanda de mestrado. Jovem, com uma vida profissional ativa, tinha lacunas ao nível da expressão escrita, o que levou a que a respetiva orientação não tivesse sido muito fácil. Porém, aquilo que lhe faltava em termos de ferramentas era compensado com uma capacidade de trabalho e vontade de fazer dignas de registo. A sua classificação final foi muito boa, compensando esse seu esforço. Propus-lhe, como faço a muitos outros orientados – nem sempre com resposta positiva – que trabalhássemos o material da dissertação para escrever um “paper” que submeteríamos a uma revista. Aceitou sem reservas, aparentemente feliz pelo convite que lhe fiz. Preparámos o documento em conjunto, submeti-o a uma conferência internacional e fui lá apresentá-lo. Voltei, melhorámos o documento e enviámo-lo para uma revista. Chegou o relatório dos revisores. Contatei-a:

“Só agora ... é que tive oportunidade de ler os relatórios de revisão da submissão do artigo. Até nem são muito negativos. Implicam algum trabalho, reescrever partes do artigo ... mas é o habitual neste tipo de submissão. Não gostava de deixar cair este processo, porque desejo ter uma "lembrança" do nosso trabalho conjunto. Estou disponível para ajudar, mas preciso da sua ajuda. Prometo que não implicará grande esforço da sua parte.”

A resposta chegou passados poucos dias:

“... fico contente por se lembrar de mim. Ora ou eu sou muito pessimista ou o professor muito otimista, porque de facto fiquei com a sensação de que os comentários foram um pouco desagradáveis, ou então que a exigência do trabalho que necessita de ser feito é um tanto elevado. Vou-lhe ser sincera, até aceitava o desafio mas se beneficiasse de alguma coisa com isso. Não creio que publicar um artigo me vá dar um salário melhor ou me vá colocar num posto superior (ahahahah)... acho que os benefícios futuros não são assim tão vantajosos, por isso, agradeço-lhe mais uma vez a lembrança deste tema, mas prefiro investir em algo cujo retorno seja mais interessante.”

Quase dois meses passados, ainda procuro digerir este último parágrafo. Foi um choque, reduziu a cinzas a opinião favorável que eu tinha da minha orientanda e coautora. Já pensei olhar o seu conteúdo como uma variação da expressão “conta para a nota?” que os alunos mais novos utilizam constantemente quando confrontados com um pedido de trabalho escolar. Porém, não o consigo ler dessa forma vindo de uma pessoa “madura”, nem entender o completo alheamento que ele demonstra relativamente ao coautor do trabalho. Mais do que a recusa, o que magoou, e continua a magoar, é o tipo de argumentação usada. O facto de até à data ainda não ter recebido resposta à mensagem, de três linhas, que no imediato lhe enviei, informando que me encarregaria de todo o trabalho de revisão e que apenas precisava que me enviasse a base de dados, não facilita a digestão do caso. Ainda piora.

A mágoa não vem da eventual não publicação do “paper”, nem do esforço desperdiçado que isso supõe. Vem da desilusão com a S., mas também comigo próprio. Lá no fundo, vem, sobretudo, da minha dificuldade em aceitar que me enganei na avaliação pessoal que dela fiz.

José António Moreira